

## **O NEGRO NA LITERATURA BRASILEIRA: algumas considerações a partir de A Escrava Isaura e o Mulato**

Flaviana Silva Santos<sup>1</sup>

Orientadora: Claudia Letícia Gonçalves Morais<sup>2</sup>

### **RESUMO**

O crescente debate em torno das concepções e finalidades da Educação das Relações Étnico-Raciais, seus impactos, contribuições e limites, exige sérias transformações no sistema educacional brasileiro. É necessário que este, ofereça oportunidades para uma nova interpretação dos clássicos literários que narram pejorativamente a história dos negros e seus descendentes. O presente artigo foi desenvolvido a partir de estudos das obras literárias **A Escrava Isaura**, de Bernardo Guimarães e de **O Mulato**, da autoria de Aluísio Azevedo, analisa particularmente os relatos pejorativos que diminuem a imagem dos afrodescendentes.

**Palavras chave:** Literatura. Educação. Currículo. Afrodescendente. Estereótipos.

### **ABSTRACT**

The growing debate around the concepts and purposes of the Education of Racial-Ethnic Relations, its impacts, and contribution limits, requires serious changes in the Brazilian educational system. It is necessary for this, offer opportunities for a new interpretation of literary classics that pejoratively narrate the history of blacks and their descendants. This article was developed from studies of literary Slave Isaura, Bernardo Guimarães and O Mulato, designed by Aluisio Azevedo, looks particularly derogatory reports that tarnished the image of African descent.

**Key word:** Literature. Education. Curriculum. Africandescent. Stereotypes.

---

<sup>1</sup> Aluna do curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos – Universidade Federal do Maranhão – UFMA. E-mail: [flavianasantos381@gmail.com](mailto:flavianasantos381@gmail.com)

<sup>2</sup> Professora Orientadora deste artigo, Mestre.

## 1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas tem sido discutido um novo projeto de educação para o Brasil, com o objetivo de enfrentar o grande desafio de minimização das injustiças raciais que, historicamente, foram reforçadas pelos clássicos literários e que se perpetuaram na contemporaneidade, tornando-se comuns nos livros didáticos, nas práticas docentes, nas brincadeiras e piadas cotidianas dos membros que compõem a sociedade brasileira. Referente ao problema que trata da desigualdade e da discriminação racial presentes na literatura nacional, nota-se a separação nos enunciados legais dos direitos anunciados nos tratados internacionais da alarmante realidade, visível a olho nu, diagnosticada nos estudos e pesquisas sobre o tema e denunciada, há décadas, pelas entidades do Movimento Negro.

Sabe-se que a escola é formadora de opinião em massa e que ao longo da história do país contribuiu para a acentuação da discriminação e do racismo, através de suas práticas pedagógicas que, outrora, correspondiam apenas aos seus interesses e, também, de um currículo oculto. Até o momento a Instituição Escolar está incumbida na forma da lei 10.639/03 a reparar danos cometidos ao longo dos séculos referentes à identidade e aos direitos dos afrodescendentes.

O presente texto inicialmente aponta de maneira breve um relato que mostra que a célula racista que foi implantada na alma da nossa sociedade tinha respaldo jurídico o que nos leva a crer que o problema não é apenas um conflito entre indivíduos de uma determinada época e/ou de classes raciais distintas, mas entre o Estado e uma parcela significativa da população brasileira. Em seguida, mostra características relevantes a cerca do tratamento disposto aos negros e mulatos pela literatura brasileira e o quanto tais disposições contribuíram e ainda contribuem para o alargamento das distâncias raciais em nosso país. E, por fim, reflete a importância e a necessidade de repensar o projeto político pedagógico, pois somente assim existirão possibilidades do mundo literário dar novas atribuições aos afrodescendentes. Dessa forma o processo de construção e as abordagens em torno dos conhecimentos serão fortalecedores de uma perspectiva de educação antirracista.

Por meio das reflexões apresentadas ao longo do texto, espero poder contribuir para a construção de uma análise crítica das obras literárias que narram histórias dos afrodescendentes de forma preconceituosa e racista, embebidas de termos pejorativos que denigrem a imagem da população negra e seus descendentes, que não enfatizam a grande contribuição dos povos africanos para a formação desta nação.

## **2 LEGADO HISTÓRICO**

### **2.1 A exclusão na forma da lei**

O século XIX marcou negativamente a vida do negro. Não apenas no Brasil, mas em todo o continente, o afrodescendente passou a ser visto como um "problema", uma "ameaça" para a "boa" sociedade que, outrora, nos séculos iniciais da colonização, exploraram de todas as formas inimagináveis a mão de obra dos escravos africanos e fizeram desta prática uma das mais importantes fontes de lucros para as metrópoles europeias. O indivíduo negro, que fora arrancado do seio de sua pátria, tornou-se "os pés e as mãos" da sociedade dita "civilizada" que barbaramente fez uso de um discurso cristão para justificar tal barbárie cometida contra tão frágeis criaturas.

No início da colonização, os abusos cometidos contra os povos africanos se desenvolveram sem grandes obstáculos, exceto com o grito de algumas vozes isoladas que clamavam em defesa dos cativos.

Por ser pouco conhecida e por não fazer parte das preocupações das nações expansionistas, a África sentiu as dores de uma mutilação que serviram para alimentar os desejos escusos de muitos escravocratas ao longo do século XIX. O discurso salvífico que associava a escravidão aos falsos benefícios que o negro tinha por ingressar no seio da civilização cristã católica alimentava o ego e aliviava a "consciência" daqueles que diziam que os negros nem alma tinham.

Sentimentos de superioridade vividos pelas grandes nações imperialistas serviram para alimentar os empreendimentos governamentais e particulares que quase sempre, dependiam da colonização das nações que julgavam inferiores. Esta mentalidade perpetuou-se por todo regime servil.

Durante a colonização brasileira, vários decretos foram criados com o objetivo de proibir os negros de frequentarem a escola. Nesta época, o processo educacional era uma responsabilidade dos padres jesuítas, representantes do clero nesta colônia. E, é inegável que esta instituição tinha pensamentos escravistas, o que a levava a educar segundo seus interesses.

O modelo excludente que impossibilita o acesso e a permanência de milhões de indivíduos à escola é uma herança negativa que se desenvolveu ao longo da história do desenvolvimento do nosso país e que prejudica, sobretudo, as minorias populacionais: afrodescendentes e indígenas. Ainda hoje o efeito negativo de decretos que foram criados no passado para marginalizar os negros retardam o desenvolvimento igualitário desta população.

O Decreto nº 1331 de 17 de fevereiro de 1854, estabelecia que nas escolas públicas do país não seriam admitidos escravos, e a previsão de instrução para adultos negros dependia da disponibilidade de professores.

O Decreto nº 1031-A de 06 de setembro de 1878 estabelecia que os negros só podiam estudar no período noturno. Nota-se que muitos meios foram adotados com o objetivo de impedir o acesso pleno dos afrodescendentes aos bancos escolares. A grande maioria não teve oportunidade de aprender ler, os poucos que tiveram eram obrigados a assimilarem representações negativas de si próprios e a ocuparem lugares subalternos e de pouco prestígio na sociedade. A educação era utilizada para incutir na população negra o desejo de ser branco e dizê-lhes qual o lugar que eles deveriam ocupar na sociedade.

A contrapartida aos atos discriminatórios aos afrodescendentes surgira apenas nas últimas décadas do século XX, mais precisamente a partir dos anos de 1970 quando o Movimento Negro se apresenta de forma significativa no cenário político brasileiro. Somente a partir daí as estratégias de combate ao racismo passaram a fazer parte do discurso do Estado e da sociedade.

Todavia, os reflexos da discriminação histórica aos afrodescendentes ainda hoje permeiam e assombram a nossa sociedade, sobretudo a parte da população não branca e menos favorecida economicamente.

Abramowicz e Oliveira (2006) relatam que estudos têm mostrado que o rendimento e a permanência na escola da criança negra acaba sendo condicionado por processos intra-escolares, pois mesmo quando o nível socioeconômico das

famílias é equivalente, ainda assim os negros, muitas vezes, apresentam uma trajetória escolar diferenciada no sentido de frustrante e excludente.

Mesmo o Brasil sendo um país multiétnico, cuja população não é de maioria branca, lamentavelmente, fatores como a grande contribuição dos negros para a formação da nação e a presença inegável da cultura afro no nosso cotidiano que vão da alimentação à língua, não são suficientes para que a escola inclua em seu currículo pedagógico e trate com seriedade tais contribuições.

Abramowicz e Oliveira (2006 apud SILVA e MONTEIRO, 2000, p.80), dizem que,

[...] os professores desconhecem a história e a cultura do povo negro e silenciam diante das situações de discriminação que as crianças vivem. Na sala de aula não se discute a questão do racismo nem como é difícil ser negro no Brasil, e não é raro as crianças negras ficarem apontando o dedo na expectativa de darem uma resposta à pergunta do professor, sem serem chamadas; poucas vezes lhes é dado assumir papéis que as crianças consideram importantes, percebendo o pouco apreço, o descrédito na sua capacidade, por parte dos professores.

Já que democracia significa igualdade em todas as instâncias, ou seja, que os direitos civis, políticos, econômicos, sociais e culturais têm que ser tratados da mesma forma para todos os cidadãos independente da raça a que pertença, é fundamental que tal questão seja carro-chefe de qualquer projeto democrático, pois somente assim surtirão efeito as ações que proíbem a discriminação racial.

Cabe à instituição escolar abordar em seu currículo não apenas medidas que proíbam tal discriminação, mas também medidas de promoção à igualdade com estratégias específicas para a aceleração do processo de construção da igualdade racial em nosso país.

No que se refere à ideia de currículo, é importante entender que existem diferentes visões para sua construção e encaminhamento. Aqui o entendo como mola-mestra para o processo de sensibilização de alunos (as) para o conhecimento e exercício de seus direitos e deveres como cidadãs(ãos). O trabalho docente pode, então, orientar-se para além das disciplinas constantes do currículo do curso, mas também na exposição e discussão de questões éticas, políticas, econômicas e sociais. (Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais, 2006, p. 55).

Sabemos que existe um currículo manifesto que está presente nos planos de ensino, curso e aula, mas visceralmente articulado está o currículo oculto que

representa um “corpus ideológico” de práticas que não estão explícitas no currículo manifesto, formalizado. Nesta relação manifesto/oculto, podem circular ideias que reforçam comportamentos e atitudes que implícita ou explicitamente podem interferir, afetar, influenciar e/ou prejudicar a aprendizagem escolar dos/das discentes. Estas podem remeter a preconceitos, intolerâncias e discriminações enraizadas e que estão ligados às relações de classe, gênero, orientação sexual, raça, religião e cultura. (Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais, 2006, p. 55).

Ainda segundo as Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais (2006) os discentes negros estão inseridos em um ambiente escolar que não proporciona o sucesso educacional, pois inibe e desfavorece suas potencialidades. É de fundamental importância que posicionamentos mais democráticos que garantam o respeito às diferenças sejam práticas cotidianas básicas em toda instituição incumbida de facilitar um bom desempenho escolar para os estudantes.

### **3 A ESCRAVA ISAURA**

Ainda faz parte da nossa história uma realidade marcada por atitudes preconceituosas, racistas e discriminatórias que respingam nos afrodescendentes que há muito enfrentam dificuldades para o acesso, a permanência e o sucesso na vida escolar. Como exemplo de tal discriminação, temos a nossa literatura que, quase sempre, retrata o negro carregado de estereótipos negativos. Nesse sentido, a significação dada a este grupo étnico nas obras literárias, na grande maioria, é pejorativa e serve para submetê-lo a humilhações, rejeições e submissões explícitas, o que alimenta a condição do negro enquanto um ser excluído socialmente.

Segundo Barbosa (2006, p.91):

A partir do século XIX, encontraremos, quantitativamente, uma presença mais significativa de personagens negros nos escritos literários. Entretanto, podemos afirmar que o negro, diferentemente dos personagens indígenas, foi perspectivado na produção literária como objeto e não como sujeito. A literatura funciona, assim, como mais uma forma de marginalização e de discriminação negra brasileira.

Este pensamento discriminatório, que antes era representado por uma elite colonial, atravessou os tempos, e foi absorvido e vivenciado por muitos.

No momento que a literatura reproduz tais práticas preconceituosas e racistas, situações desconfortáveis que interferem no progresso emocional e cognitivo, passam a fazer parte da vivência diária desses sujeitos.

Muito dos conteúdos de obras literárias que têm em seus enredos afrodescendentes, utilizam, em geral, um discurso carregado de estereótipos sobre a representação do seguimento negro ou ignora as contribuições técnicas, científicas, linguísticas e estéticas dos povos africanos e seus descendentes.

A literatura brasileira que retrata o escravo nobre, que é forçado a vencer às custas de seu “branqueamento”, mesmo com muito sofrimento e humilhação, nos mostra a aceitação da submissão por ser considerado inferior, apesar da bandeira abolicionista que o autor pretende levantar. Como exemplo, temos a personagem da escrava Isaura criada por Bernardo Guimarães em 1875, no livro que tem como título o nome da protagonista do enredo, **A escrava Isaura**. Uma conversa que Isaura tem com a sinhá Malvina revela esta omissão:

– Não gosto que a cantes, não, Isaura. Hão de pensar que és maltratada, que és uma escrava infeliz, vítima de senhores bárbaros e cruéis. Entretanto passas aqui uma vida, que faria inveja a muita gente livre. Gozas da estima de teus senhores. Deram-te uma educação, como não tiveram muitas ricas e ilustres damas, que eu conheço. És formosa e tens uma cor linda, que ninguém dirá que gira em tuas veias uma só gota de sangue africano.

– Mas senhora, apesar de tudo isso que sou eu não sou mais do que uma simples escrava? Essa educação, que me deram, e essa beleza, que tanto me gabam, de que me servem?... São trajes de luxo colocados na senzala do africano. A senzala nem por isso deixa de ser o que é: uma senzala.

– Queixas-te de tua sorte, Isaura?

– Eu não, senhora: apesar de todos esses dotes e vantagens, que me atribuem, sei conhecer o meu lugar. (GUIMARÃES, 2005, p.8).

Em conjunto com o nobre caráter de Isaura, temos outra dimensão estereotipada: a que mostra o negro vítima, principalmente quando escravo. Isso o transforma em objeto que idealiza a defesa da causa abolicionista.

Foi através do movimento abolicionista que conhecemos a linda mulata Isaura, aquela que seria a primeira heroína escrava da nossa literatura. Isaura, mesmo sendo mulata foi descrita com características e virtudes brancas. Isso, devido à inúmeras dificuldades que os escritores da época tinham de retratar de maneira positiva seus personagens negros: “A tez era como o marfim do teclado, alva que não deslumbra, embaçada por uma nuance delicada, que não sabereis dizer se é leve palidez ou cor de rosa desmaiada” (GUIMARÃES, 2005, p, 8).

Mesmo com empenho consciente e dotado de grande entusiasmo, o autor não conseguiu se libertar das amarras de uma formação desenvolvida dentro de uma sociedade escravista. Nesta obra, ele é movido, sobretudo, pela capacidade que o indivíduo escravo, também tem de amar. Ele não narra as características culturais e psicológicas do escravo. Isso não o interessa. O que lhe interessa de fato é branquear a figura do escravo, levando este a assimilar o caráter e as ideias comportamentais da raça dominante, pois somente assim, o autor conseguirá atrair o público burguês, através das dores dos cativos. Curiosamente, é utilizando estas estratégias que ele dimensiona a sua contribuição à causa abolicionista. No momento em que o negro é extremamente coisificado, torna-se importante para a campanha mostrar com total nitidez a sua condição humana e culpar moralmente a burguesia pela escravidão.

Outra tentativa de branquear a personagem Isaura é com a exaltação de seu caráter. Até mesmo diante das situações mais difíceis como ao enfrentar os galanteios dos homens que a cercam ou diante das ameaças de seu senhor, a escrava de pele clara é de uma retidão moral inabalável. O assédio que lhe faz Henrique, cunhado de Leôncio ilustra bem isso:

Além da liberdade terás tudo o que desejares, sedas, joias, carros, escravos para te servirem, e acharás em mim um amante extremoso, que sempre te há de querer, e nunca te trocará por quanta moça por esse mundo, por bonita e rica que seja, porque tu só vales mais que todas elas juntas. (GUIMARÃES, 2005, p. 12)

A citação a seguir que mostra uma conversa entre Leôncio e Henrique no momento em que os dois chegam para tomar café e encontram Isaura bordando é mais um relato da beleza inigualável da escrava em questão, que fogem dos padrões típicos de uma mulata.

Então, que te parece? Segredava Leôncio a seu cunhado.  
– Uma escrava desta ordem não é um tesouro inapreciável? Quem não diria que é uma andaluza da Cádiz, ou uma Napolitana? (GUIMARÃES, 2005, p.11).

O porte e a beleza de Isaura levam Leôncio a compara-la com uma égua da raça Andaluza. Na ocasião, Henrique diz que Isaura é coisa melhor, respondendo que é uma perfeita brasileira. Na análise desta citação, nota-se um paradoxo. Pois veja: se ela – Isaura – “é branca como o teclado de marfim do piano”, descrição do



início da obra, como pode ser a perfeita brasileira, lembrando que a brasileira seria mulata? Para resolver este impasse, Leôncio faz uma alusão à mulher europeia dizendo, “que ela é superior à brasileira”.

Muitos paradoxos são encontrados durante toda apresentação da protagonista da obra ora citada. Aqui segue mais um: primeiro o autor descreve a voz de Isaura como sendo melodiosa, suave, apaixonada e de timbre mais puro e fresco que se pode imaginar e, depois, lembrando o leitor que Isaura é escrava, acrescenta na descrição de sua voz um tom velado e melancólico de uma cantiga que parece sufocar uma alma solitária e sofredora.

Os inúmeros encantos da gentil cantora eram ainda realçados pela singeleza, e diremos quase pobreza do seu modesto traje.

Um vestido de chita ordinária azul-clara desenhava-lhe perfeitamente com encantadora simplicidade o porte esbelto e a cintura delicada... Uma pequena cruz de azeviche presa ao pescoço por uma fita preta constituía o seu único ornamento. (GUIMARÃES, 2005)

Para que o leitor não esqueça que Isaura é escrava, o narrador enfatiza a indumentária da protagonista ao descrevê-la usando vestido de chita ordinária e uma pequena cruz de azeviche presa ao pescoço por uma fita preta. A cruz mostra a marca da religião oficial do período monárquico, o catolicismo. Isaura é escrava, porém é branca e católica. Isso significa que ela assimilou a cultura branca, branqueou-se.

Graças à “bondade” oportunista de sua ama, Isaura recebeu uma educação que somente as moças de famílias abastardas receberiam, aprendeu tudo que era necessário à educação feminina da época. Isaura aprendeu ler, escrever, bordar, adquiriu conhecimentos voltados para a música, a arte, tinha noções de línguas estrangeiras, conhecimentos religiosos. Isaura foi criada na sala e quando executava alguma tarefa, esta lhe seria leve e delicada como tal.

As origens de Isaura são descritas logo no segundo capítulo da obra. O autor diz que está era “filha de uma linda mulata, que fora por muito tempo a mucama favorita e a criada fiel da esposa do comendador” (GUIMARÃES, 2005, p.10). Nota-se neste fragmento uma referência à sensualidade da mulata que por muito lutou, mas teve que ceder às cobiças ardentes de seu senhor. A mãe de Isaura não é descrita apenas como uma mulata, e sim como uma “linda mulata”.

O pai de Isaura, também não se enquadra aos padrões de feitor da época, aquele que mantém os escravos sempre em rédeas curtas sobre torturas e maus tratos. Seu Miguel é apresentado pelo autor como sendo uma pessoa de boa índole:

O feitor, porém, que era um bom português ainda no vigor dos anos, e que não tinha as entranhas tão empedernidas como o seu patrão, seduzido pelos encantos da mulata, em vez de trabalho e surras, só lhe dava carícias e presentes, de maneira que daí a algum tempo a mulata deu à luz a gentil escravinha... (GUIMARÃES, 2005, p.10).

Percebe-se que os progenitores de Isaura não correspondem às características comuns das mulatas e dos feitores da época, são bons assim como a filha que por sua vez, herdara do pai que fora expulso da fazenda por contrariar as ordens do comendador, os traços finos e delicados, e não os traços da mãe, mulata.

Em outros trechos da obra Isaura é comparada a utensílios e joias:

Isaura é como um objeto de luxo, que deve estar sempre exposto no salão. Querias que eu mandasse para a cozinha os meus espelhos de Veneza?...  
- Eu morreria de dor, se me visse forçado a largar mão da joia inestimável, que o céu parece ter me destinado... (GUIMARÃES, 2005, p. 23).

Enquanto isso Henrique parece esquecer-se da condição de escrava da moça. Mesmo encantado com tamanha beleza o jovem logo se dá conta que faz papel ridículo, pois se trata de uma escrava. Todavia, como se estivesse enfeitiçado Henrique volta a disparar galanteios à escrava:

-Não; ainda não vi nenhuma que te iguale, Isaura, eu te juro. Olha, Isaura, ninguém mais do que eu está nas circunstâncias de conseguir a tua liberdade... Além da liberdade terás tudo o que desejares... (GUIMARÃES, 2005, p.12).

Mesmo não dando o direito de expressão ao negro e não conseguindo livrar-se das marcas estereotipadas, o autor atua como um defensor que busca sensibilizar o leitor e provar que existem grandes injustiças na situação que denuncia. E, não podemos esquecer, entretanto, que é ele quem dá o primeiro grito de revolta, na literatura brasileira, contra a escravidão e abre as portas para a temática do negro escravo num momento histórico em que este nem mesmo era considerado gente. Inegavelmente, esta obra foi um notável feito para a época.

Sabemos que o texto literário é uma representação linguística da estética e tendência do período ao qual pertence. O que evidenciam as características de

uma obra literária, nada mais é do que o despontamento dos personagens como seres ativos que compõem o leque semântico e estilístico da obra. Todavia, é cabível destacar o caráter indissociável das Escolas Literárias, tendo em vista sua postura híbrida e dinâmica.

Barbosa (2006, p.89) diz que por meio da literatura, o artista recria o mundo, (re)significa valores, costumes e fatos, pois sendo ele partícipe da sociedade e da história do seu tempo, desempenha um papel de mediador entre o contexto que está inserido e a sua obra. Desse modo, as condições sociais, os hábitos as crenças, os estereótipos e os preconceitos propagados por um grupo em determinada época podem ser apontados como elementos que formam uma visão de mundo e fatalmente estarão presentes na criação artística.

Barbosa (2006, p.89) nos diz ainda que a literatura, por expressar a realidade subjetiva do ser humano e seus sentimentos a respeito dessa mesma realidade, é matéria muito interessante para se tomar como objeto, porque nos permite vislumbrar, entre outros, os costumes e as ideias da época em que foi produzida. Portanto, tais fatores têm que ser levados em consideração nas análises contemporâneas dos escritos literários do passado.

### **3.1 A escrava Rosa**

Tomando as considerações outrora citadas como fios condutores desta análise, passo agora a tratar de outra personagem da obra em questão, a escrava Rosa, que mesmo atuando como coadjuvante, exerce grande valor no desenrolar do enredo ao contribuir para a acentuação do estereótipo do negro malvado, demoníaco e invejoso.

É notável na obra que a relação entre senhor e escravo é ríspida. Comprova-se isso, através das perseguições e impropérios de Leôncio contra Isaura. Os constantes abusos e a maldade do marido de Malvina e da invejosa escrava Rosa contribuem para acentuar os problemas sociais, políticos e econômicos da mesma forma que, simultaneamente, ampliam o teor maniqueísta comum no Romantismo:

O Romantismo, salvo algumas exceções, talvez seja a escola literária que mais atribui uma visão preconceituosa e redutora à figura do negro em

todas as instâncias, embora muitos dos autores românticos tenham sido pessoalmente contrários ao regime escravocrata. (BARBOSA, 2006. p. 90).

Com relação à Rosa, esta representa, o estereótipo da negra malvada, invejosa e luxuriosa, muitas vezes tratada como “a mulatinha faceira”.

O principal objetivo na vida de Rosa era importunar Isaura o máximo que pudesse. Para isso, irritava a escrava “branca” com ironias e calúnias durante a tecelagem no salão velho. Além de atrapalhar o trabalho da outra e envenenar Malvina contra Isaura com fofocas maldosas e sem fundamentos, Rosa contribuiu significativamente para o desfecho e consolidação dos danos carregados de estereótipos e distorções acerca da negra malvada com sexualidade aflorada e demoníaca. Diante disso, cabe-nos fazer um duplo comentário sobre essa personagem: a Rosa Escrava e a Rosa Mulher.

No passado, Rosa fora amante de Leôncio e, encontrando-se ainda na condição de escrava, não aceitava a ideia de ter sido trocada pela meiga e angelical Isaura. Rosa não tinha habilidades com os afazeres domésticos mais requintados e não recebeu uma educação com esmeros como sua rival o que a deixava mais enraivecida. Estes fatores reforçam a ideia da negra invejosa e atrapalhada que ambiciona alcançar os mesmos privilégios que sua inimiga tem. Essa afirmação é evidenciada pelo dano provocado por Rosa ao passo que fazia intrigas à Malvina, como vemos no trecho abaixo:

Malvina era boa e confiante, e nunca teria duvidado da inocência de Isaura, senão fosse Rosa, sua terrível êmula e fidalga inimiga. Depois do desaguado, de que Isaura foi inocente, Rosa ficou sendo a mucama ou criada da câmara de Malvina, e esta às vezes desabafava em presença da maligna mulata os ciúmes e desgostos que lhe ferviam e transvazavam. (...) Estes e outros quejandos enredos, que Rosa sabia habilmente insinuar nos ouvidos de sua senhora, eram bastante para desvairar o espírito de uma cândida e inexperiente moça como Malvina, e foram produzindo o resultado que desejava a perversa mulatinha. (GUIMARÃES, 2005, p. 3-4).

O fragmento acima evidencia a capacidade que Rosa tem para aumentar o conflito no enredo, o que contribui para uma crescente sensação de intranquilidade. Ao descrever a esposa de Leôncio o autor faz uso do adjetivo “cândida” e isso faz da jovem sinhá, uma pessoa “boa e confiante”. Entretanto, a “mulatinha faceira” constitui-se de forma maléfica e terrível, estando sempre pronta para contaminar e destruir os que a cercam. Rosa seria aquilo que se pode chamar de um verdadeiro “demônio familiar”. Adjetivos como “maligna” e “perversa” servem para evidenciar a índole duvidosa e satânica da personagem, além de contribuírem

para a consolidação de uma pessoa diabólica e vil, vista pela sociedade como uma típica escrava invejosa e mentirosa capaz de fazer tudo para que sua maior inimiga – Isaura - sinta as mesmas privações que ela ao ser submetida aos maus tratos e afazeres rústicos.

Na condição de mulher, Rosa sempre fez questão de revelar toda a sensualidade de uma típica mulata afro-brasileira na flor da idade. Guimarães, frequentemente destaca a beleza de Rosa como mostra a citação a seguir:

Esbelta e flexível de corpo, tinha o rostinho mimoso, lábios tanto grossos, mas bem modelados, voluptuosos úmidos e vermelhos como boninas que acabam de desabrochar em manhã de abril. Os olhos negros não eram muito grandes, mas tinham uma viveza e travessura encantadoras. Os cabelos negros e anelados podiam estar bem na cabeça da mais branca fidalga além-mar [...] (GUIMARÃES, 2005, p. 18).

A beleza de Rosa descrita no fragmento acima faz com que a vejamos sempre como uma figura que nos trás uma ideia de “sensualismo hiperbolizado”. Seu corpo expressa movimentos sinuosos e provocantes, seus lábios grossos e bem modelados lhes dão um teor de luxúria e pecado, que são evidenciados justamente por serem “voluptuosos e vermelhos” e a travessura de seus olhos implícita seu caráter duplo.

É de grande relevância salientar aqui que o trecho exposto acima serve para exemplificar os estereótipos que erotizam a escrava Rosa o que contribui, neste caso, para que no geral a mulher negra seja vista como um elemento essencialmente luxurioso que se utiliza dos seus encantos para praticar artimanhas maléficas.

Barbosa (2006. p. 98-99) nos fornece outra análise referente a hierarquização feminina, é possível notar na obra de Guimarães “inúmeros indícios da visão do homem branco em relação à mulher branca e à mulher negra. A primeira possui características para ser esposa enquanto a segunda, sobretudo a mulata, é vista como objeto sexual. Aliás, observando as personagens femininas, vemos que há uma hierarquia definida pela cor: negras (para trabalhar), mulatas, (para satisfazer os desejos sexuais dos homens) e brancas (para casar)”.

A beleza excessiva de Rosa, descrita pelo autor, serve para revelar com precisão o sentimento de inveja que alimenta contra Isaura, pois mesmo bonita perdeu os galanteios de Leôncio para a cativa branca. A formosura da mulatinha atribui à personagem características voluptuosas e maledicentes ao contrário de

Isaura que, também sendo formosa, é descrita com características “correspondentes” à sua cor.

Ainda tendo como ponto de análise a sensualidade de Rosa, façamos agora uma analogia entre a escrava mulata e Isaura. Nesta analogia, notaremos a existência explícita de características divergentes. Este desacordo distancia Rosa daquele caráter previsivo e delicado atribuídos à Isaura, configurando assim a mulata como sendo uma pessoa invejosa, sensual e interesseira. Nota-se na personagem Rosa, uma leve tendência pré-realista, uma vez que os Períodos Literários são entrelaçados e as características de um período são reflexos no outro.

Toda a construção semântica e estilística de um texto tem como base o um personagem, pois este sempre atua conjuntamente com o enredo levando em consideração as ideias sociais, políticas e econômicas do seu tempo. Como exemplo temos a obra em análise onde a tríade - sociedade/política/economia - contribui para a construção da personagem Rosa levando em consideração fatores tais como o maniqueísmo, a escravidão, o estereótipo do negro dentre outros.

A ideia do BEM X MAL sempre está presente nos fabulosos enredos românticos. Nesse caso, o caráter duvidoso de Rosa ajuda, entre outras coisas, na valorização e intensificação da postura correta de Isaura. Essa análise contextual se depara com as exigências servis feitas durante a escravidão. A inveja que Rosa alimenta em relação à Isaura e a postura subalterna da cativa branca retratam o sistema social da época.

Tendo como base esse pressuposto, a personagem Rosa, participa diretamente na construção do nível fabular da obra e a sua importância novelística recai, a priori, no auxílio a intensificação do dano no texto, por ser uma das personagens responsáveis pelos conflitos que envolvem a protagonista.

#### **4 O MULATO**

Dando continuidade ao tema objeto em questão, farei agora uma análise da forma como o preconceito étnico-racial é tratado pelo autor Aluísio Azevedo em sua obra **O Mulato**, publicada no ano de 1881.

Começarei analisando a obra a partir do título. Ao escolher tal título o autor deixa claro que a condição racial está acima de tudo e que os direitos de

cidadão e a importância social que o personagem adquirira na Europa serão todos ignorados no contexto brasileiro. Antes mesmo de adentrarmos as entrelinhas do texto, evidenciamos a postura preconceituosa contida na obra.

A ênfase do enredo está no preconceito que Raimundo sofre a partir do momento que volta para o Brasil e decide casar-se com sua prima Ana Rosa. Desde então, o rejeição que era disfarçada devido às boas condições financeiras de Raimundo, foram reveladas, as “máscaras caíram” e todos começaram a dizer que não era aceitável que um mulato amasse uma moça branca.

As boas qualidades de Raimundo – rico, viajado, com estudos, etc. - não foram suficientes para que seu tio permitisse seu romance com a prima. Seu Manoel, pai de Ana Rosa, preferiu casá-la com João Dias, um caixeiro, do que vê-la casada com o filho de uma escrava. Vejamos:

Bem... Recusei-lhe a mão de minha filha, porque o senhor é... é filho de uma escrava...

- Eu?!

- O senhor é um homem de cor... - Infelizmente esta é a verdade. (AZEVEDO, 2000, p.46).

O fragmento acima além de revelar a condição negra do personagem também serviu para inquietá-lo, pois “uma só palavra boiava a superfície dos seus pensamentos: Mulato.” (AZEVEDO, 2000, p.47).

A seguir destaco alguns fragmentos da obra que ressaltam bem a condição do negro e do branco.

Maria Barbara era um exemplo fiel das velhas maranhenses criadas nas grandes fazendas. Uma viúva má que tinha prazer em maltratar seus escravos. Uma velha ranzinza, cheia de escrúpulos que se orgulhava da sua descendência portuguesa. Sempre que se referia nos negros dizia “os sujos” e a um mulato dizia “o cabra”. Sempre obrigava os “sujos e sujas” que lhes pertenciam a participarem das rezas diárias e não era difícil alguns serem algemados.

Conduta semelhante tinha outra personagem, dona Quitéria Inocência de Freitas Santiago, viúva fazendeira, em cuja capela de sua propriedade, “sujos e sujas” eram compelidos a rezar, sob o chicote, aos pés da Virgem Santíssima, mãe dos aflitos. (AZEVEDO, 2000, p.51).

Barbosa (2000) afirma que, o que se depreende das linhas do chamado romance urbano é que negros e mulatos são, na grande maioria, representados com traços de animalidade, portadores de um comportamento instável e imprevisível. A

linda mulata, em razão da sensualidade e o mulato estudado, mas ausente de qualquer valor moral, representam uma ameaça constante à harmonia matrimonial e às pessoas de bem.

Barbosa (2000, p. 92) ainda nos leva a ver através de tais fragmentos repletos de estereótipos, que muitos deles continuam vivos na contemporaneidade, não apenas na literatura, mas em diferentes linguagens de nosso cotidiano: na publicidade, nos meios de comunicação em geral, nos textos e nas imagens de livros didáticos, nas brincadeiras e piadas.

Merian (1988, p. 112) diz que mesmo “Azevedo tratando a questão da escravidão na cidade de São Luis do Maranhão, o autor não faz uma discussão na obra **O Mulato** a respeito da escravidão e da condição que o escravo tem”. O autor busca apenas mostrar alguns trabalhos, como no porto, nas fazendas de Maria Barbara, do garoto que ajuda na casa de Manuel Pescada, dando assim uma ideia ao leitor de como é o trabalho dos escravos e mestiços do período, como na passagem:

Era um dia abafadiço e aborrecido. A pobre cidade de São Luis do Maranhão parecia entorpecida pelo calor. Quase que se não podia sair a rua: as pedras escaldavam; [...] e os aguadeiros, em mangas de camisa e pernas arregaçadas, invadiam sem-cerimônia as casas para encher as banheiras e os potes. Em certos pontos não se encontrava viva alma na rua; tudo estava concentrado, adormecido; só os pretos faziam as compras para o jantar ou andavam no ganho [...] Os corretores de escravos examinavam, a plena luz do sol, os negros e moleques que ali estavam para ser vendidos; revistavam lhes os dentes, os pés e as virilhas; faziam-lhes perguntas sobre perguntas; batiam-lhes com a biqueira do chapéu nos ombros e nas coxas, experimentando-lhes o vigor da musculatura, como se estivessem a comprar cavalos (AZEVEDO, 1994, p.20).

O escritor da obra **O Mulato** ainda faz uma abordagem da escravidão do ponto de vista de senhores e de escravos, em que os donos de escravos encaravam todo o processo de escravidão como algo necessário, que viam o negro como um ser preguiçoso, ladrão, um exemplo lastimável para a família e para quem tivesse contato com qualquer ser de cor escura, pois para a elite o escravo não era um ser puro, que não tinha índole e moral para agir no convívio social com os brancos.

As questões que apontavam para os possíveis malefícios que os escravos causavam para as famílias da sociedade no período podem ser reforçadas pela opinião de seres humanos que acreditavam que para evitar o desmoronamento da estrutura escravista e econômica era necessário que a abolição ocorresse de



forma lenta e gradativa, para que desta forma os proprietários fossem acostumando com o novo modo de se viver, de trabalhar que estava sendo colocado aos poucos.

No romance pode-se observar que os escravos que são mostrados tem comportamento psicológico quanto aos seus relacionamentos com outros e conseqüentemente social somente quando estão com alguma ligação dentro dos acontecimentos do romance com os brancos. Por exemplo, as escravas Monica que e a ama de leite de Ana Rosa e Domingas que e mãe de Raimundo, são personagens que não existem para si mesmo, mas sim em função de algum branco. E entre outros personagens da obra também não se tem nenhum que venha a dizer o que pensa a respeito de alguma situação ou de alguém, assim como também não tem nenhum escravo que defendesse a causa da abolição da escravatura em prol dos mesmos, então dessa forma nota-se que mesmo o autor estando envolvido com a abolição não fez uma obra que cobrasse isso das pessoas ou tentasse mostrar a escravidão aos leitores de forma que estes tivessem um comprometimento com a abolição.

A comercialização dos escravos e mostrada de acordo com a descrição que o autor faz dos mercados de escravos e da forma que eram observados e escolhidos pelos compradores:

[...] Os corretores de escravos examinavam, a plena luz do sol, os negros e moleques que ali estavam para ser vendidos; revistavam-lhes os dentes, os pés e as virilhas; faziam-lhes perguntas sobre perguntas; batiam-lhes com a biqueira do chapéu nos ombros e nas coxas, experimentando-lhes o vigor da musculatura, como se estivessem a comprar cavalos (AZEVEDO, 1994, p.20).

Nesta passagem pode-se notar como tudo acontecia no momento da compra dos escravos em que não se tinham respeito com o negro, que era tratado como um animal próprio para o serviço, olhando a saúde que o negro tinha para o ofício pesado que teria que fazer no decorrer de sua vida para o seu senhor.

A obra “O Mulato” de Aluisio Azevedo, obra que causou discussões quanto a natureza híbrida de seu enredo, e considerada pelos os críticos uma obra que mistura ficção e realidade, levando o leitor a vivenciar, através da leitura, outro mundo, outra realidade, podendo se deslocar no tempo sem sair do lugar, vivenciar aventuras, paixões, intrigas, sem perder o juízo. Sendo então, esse tipo de texto uma oportunidade para os leitores ampliarem o conhecimento de mundo, através da “transfiguração” da realidade em obras.

Essa ligação acontece pelo fato que de alguma forma a literatura esta enraizada na sociedade porque o escritor, de algum modo, e influenciado pelo o espaço, tempo, cultura, relações sociais que são vivenciadas por ele. Antonio Candido na obra “O direito a literatura” aborda essas faces da literatura diante do mundo:

Ela e uma construção de objetos autônomos com estrutura e significado; ela e uma forma de expressão, isto e, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; ela e uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente (CANDIDO, 1995, p.89).

Deste modo, a literatura constrói algo baseado no mundo, expressando sentimentos, afim de que se conheçam determinados indivíduos e fatos da realidade. Assim, esses escritos tem contribuído bastante para a compreensão de como a literatura pode guardar e transmitir dados importantes de determinados períodos da realidade, podendo mostrar as varias dimensões sociais e subjetivas existentes. Enfim, a literatura tem em sua estrutura o valor social, podendo transportar para a ficção as complexidades de uma dada comunidade em um dado momento histórico.

O livro **O Mulato** foi considerado “maldito” em sua época, mas nota-se o quanto ele contribui para o entendimento dos fatos raciais que estão presentes na obra.

O romance histórico e um gênero que pode ser encontrado em obras americanas como “Os três mosqueteiros” de Alexandre Dumas e também em obras brasileiras como “O guarani” de Jose de Alencar, “Memórias póstumas de Braz Cubas” de Machado de Assis, “O cortiço” de Aluisio Azevedo, e outros. Nessas obras podem-se encontrar enredos mais fantasiosos ou realistas. Podendo ser observado no romance histórico a utilização da Historia para manter o máximo de realidade possível na ficção literária. Assim como se pode ressaltar que:

O romance histórico e a vontade de reinterpretar o passado com os olhos livres das amarras conceituais criadas pela modernidade europeia do século XIX, e a consciência do poder da representação, da criação de imagens e, conseqüentemente, do poder de narrar e de sua importância na constituição das identidades das nações modernas (FIGUEIREDO, 1997, p.2).

Portanto, a Literatura pode ser uma contribuição para o conhecimento das experiências passadas, individuais ou coletivas de homens, mulheres e de certas comunidades. Sem deixar de considerar que a Historia também tem suas

importantes contribuições para as pessoas e para o mundo, analisando que esta possui acontecimentos sociais, políticos e econômicos.

Enfim, questões passadas podem ser observadas através de leitura de obras literárias, as quais podem ser um importante caminho para chegar aos dados históricos da realidade e se confirmando com a procura de pesquisas históricas, pois tanto a história quanto a literatura são capazes de transmitirem ideologias.

## **5 CONCLUSÃO**

O questionamento que o presente estudo levantou foi o de mostrar que as práticas discriminatórias são comuns na literatura brasileira foram ao longo dos séculos alimentadas pela falta de interesse da instituição responsável pela educação no país na época da colonização e por uma elite europeizada que objetivava branquear a nação a qualquer custo, que estas práticas ferem os direitos humanos, causam prejuízos irreparáveis no desenvolvimento do indivíduo, sobretudo dos afrodescendentes.

Apesar das discussões e dos questionamentos das atitudes extremas de racismo contidas nas obras literárias não serem tarefas que surgem espontaneamente, principalmente quando se tem como tradição social o “silêncio”, notou-se que a partir das últimas décadas do século XX, tal problema tem feito parte do centro dos debates entre pesquisadores e alguns movimentos sociais brasileiros. Novas propostas e estratégias voltadas para a amenização de tal fato estão sendo colocadas em práticas pelas instituições educacionais, mas, ainda existe um caminho longo para a consolidação dos fatos, ou seja, no que se refere, por exemplo, à permanência e ao sucesso escolar dos afrodescendentes muitos desafios ainda têm que ser vencidos.

Na contemporaneidade o que também contribui para o aumento da discriminação racial são os currículos das instituições de ensino que, lamentavelmente, ainda estão centrados na eurocentralização. Negando a real participação do negro na construção do Brasil. Como tentativa de mudança, foi sancionada a lei nº 10.639 de 09 de janeiro de 2003, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996) e torna

obrigatório a temática História e Cultura Afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino do país.

Outro fator relevante que se constatou ao longo deste estudo foi que os traços fisionômicos, atitudes e sensualidade dos afrodescendentes são tratados como indícios de inferioridade do negro.

Para finalizar, desejo que os relatos que este trabalho denuncia de que a literatura brasileira, salvas as exceções, há muito trata o negro com estereótipos, atribuindo-lhes características animais, de negro omissos e subservientes incapazes de sobreviver sem o auxílio do “senhor branco”, contribuam para que a sociedade veja que muitos destes estereótipos continuam vivos, estão presentes em nossas atitudes diárias e precisam, urgentemente, serem extintos.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Aluísio. **O Mulato**. São Paulo: Martins, 1959.

ABRAMOWICZ, Anete; OLIVEIRA, Fabiana de. **A escola e a construção da identidade na diversidade**. (In.). ABRAMOWICZ, Anete; BARBOSA, Lucia Maria de Assunção; SILVÉRIO, Valter Roberto (org.). Educação como prática da diferença. Campinas, SP: Armazém do Ipê (Autores Associados), 2006. p. 41 – 63.

BARBOSA, Lucia Maria. **O personagem negro na literatura brasileira: uma abordagem crítica**. (In.). ABRAMOWICZ, Anete; BARBOSA, Lucia Maria de Assunção; SILVÉRIO, Valter Roberto (org.). Educação como prática da diferença. Campinas, SP: Armazém do Ipê (Autores Associados), 2006. p. 89 – 104.

CANDIDO, Antonio. **O direito a literatura**. Sao Paulo: duas cidades, 1995.

FIGUEIREDO, Vera Follain de. **O romance histórico contemporâneo na América Latina**. Rio de Janeiro: Revista Brasil de literatura, 1997.

GUIMARÃES, Bernardo. **A escrava Isaura**. São Paulo: Martin Claret, 2005.

MERIAN, Jean-Yves. **Aluísio Azevedo: vida e obra (1857-1913)**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo Banco Sudameris, 1988.

Ministério da Educação/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais. Brasília: SECAD, 2006.

\_\_\_\_\_. (2003) “Lei n. 10.639 de 2003. Inclui a obrigatoriedade da temática ‘História e Cultura Afro-Brasileira’ no currículo oficial”. Diário Oficial da União, DF, seção I, p. I, 10 mar.